FACULDADE DE EXCELÊNCIA ITABUNA

A EFICÁCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE E DAS TERAPIAS PSICOLÓGICAS ASSOCIADAS À FARMÁCOS NO TRATAMENTO DO AUTISMO.

Anna Júllia das Neves Santos [1]
Carine Oliveira Santos[1]
Larícia Do Nascimento Xavier [1]
Letícia Santos Cunha[1]
Yanndra Calazans dos Santos[1]
Maria Solange de Santana Palmeira[2]

RESUMO

Introdução: O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), é descrito como um distúrbio do neurodesenvolvimento, caracterizado por um repertório de déficits sociais, comunicacionais e comportamentais, incluindo interesses restritos, comportamentos repetitivos e estereotipados. Os sintomas e as comorbidades associados ao TEA variam em graus de severidade e se estendem desde a tenra infância até a velhice, ocasionando prejuízos no desenvolvimento e no funcionamento cotidiano do indivíduo. Este estudo trata sobre a eficácia da abordagem terapêutica dessa desordem, incluindo intervenções educacionais, psicossociais e farmacológicas. **Metodologia:** O presente trabalho baseou-se em uma busca na literatura científica no período dos últimos 10 anos, tendo como fonte de pesquisa as bases de dados em sites científicos em idiomas português e inglês. Os descritores utilizados para a busca de artigos científicos foram: TEA, Psicoterapia, fármacos, tratamento. Os critérios de inclusão adotados foram estudos que relatavam o tema abordado. **Resultados:** Foram encontradas 20 referências, e excluídas 10 por fuga do tema proposto, selecionando-se 08 referências para o estudo, que relatava sobre a detecção precoce e tratamentos farmacoterápicos e psicológicos. **Conclusão:** Existe um amplo espectro de manifestações clínicas e por ser difícil o reconhecimento nos quadros mais leves deste, é fundamental que os profissionais de saúde saibam reconhecer estes sintomas e estejam atentos aos sinais precoces, já que quanto antes forem iniciadas as terapias necessárias e associadas, melhor será a resposta ao tratamento e o prognóstico do paciente.

Palavras-Chave: Transtorno do Espectro do Autismo. Eficácia. Terapia psicofarmacológica. Enfermagem. Psicologia

ABSTRACT

Introduction: Autism Spectrum Disorder (ASD) is described as a neurodevelopmental disorder, characterized by a repertoire of social, communicative and behavioral deficits, including restricted interests, repetitive and stereotyped behaviors. The symptoms and comorbidities associated with ASD vary in severity and extend from early childhood to old age, causing harm to the individual's development and daily functioning. This study deals with the effectiveness of the therapeutic approach to this disorder, including educational, psychosocial and pharmacological interventions. **Methodology:** The present work was based on a search in scientific literature over the last 10 years, using databases on scientific websites in Portuguese and English as a research source. The descriptors used to search for scientific articles were: ASD, Psychotherapy, pharmaceuticals, treatment. The inclusion criteria adopted were studies that reported the topic covered**. Results:** 20 references were found, and 10 were excluded due to straying from the proposed topic, selecting 08 references for the study, which dealt with the results of pharmacotherapeutic and psychological treatments. **Conclusion:** There is a wide spectrum of clinical manifestations and as it is difficult to recognize them in the mildest cases on the spectrum, it is essential that healthcare professionals know how to recognize their symptoms and are attentive to their early signs, as the sooner the necessary therapies are started, the better the response to treatment and the patient's prognosis.

Key words: Autism Spectrum Disorder. Psychology. Psychopharmacological therapy. Nursing. Early Diagnosis

[1]Discente do Curso Farmácia do Centro Universitário UNIFTC/UNEX-Itabuna-BA E-mail: neves.rosa@hotmail.com.br

[1]Discente do Curso Farmácia do Centro Universitário UNIFTC/UNEX-Itabuna-BA. E-mail: larexavier2@gmail.com

Discente do Curso Psicologia do Centro Universitário UNIFTC/UNEX-Itabuna-BA. E-mail: carineoliveirapsi@hotmail.com

[1]Discente do Curso Psicologia do Centro Universitário UNIFTC/UNEX-Itabuna-BA. E-mail: leticiacunhapsi@hotmail.com

[1]Discente do Curso Enfermagem do Centro Universitário UNIFTC/UNEX-Itabuna-BA. E-mail: yanndracalazans@hotmail.com

[2]Docente Orientadora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIFTC/UNEX-Itabuna-BA, Especialista em Saúde Mental. E-mail: mpalmeira.ita@ftc.edu.br

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), também conhecido como autismo é definido como um transtorno comportamental que compromete o desenvolvimento motor e psiconeurológico, afetando o desenvolvimento cognitivo, a linguagem e as relações socias da criança. Com causa desconhecida até o momento, no entanto, atualmente tem uma propensão em estabelecer o TEA como uma síndrome de base multicausal envolvendo fatores genéticos, neurológicos e sociais da criança.

O TEA tem início nos primeiros anos de vida, mas o seu curso inicial não é semelhante. Em algumas crianças, por exemplo, os sintomas são aparentes logo após o nascimento, no entanto na maioria dos casos, os sintomas do TEA só são identificados entre os 12 e 24 meses de idade. Dessa maneira se faz necessário inserir no protocolo de investigação para diagnóstico, não apenas o exame clínico direto, mais também incluir a avaliação neuropsicológica e de linguagem por uma equipe multidisciplinar composta por médicos (neurologistas, psiquiatras, pediatras, entre outros), além de psicólogos, nutricionistas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e outros profissionais quando assim for necessário, pois cada profissional vai colaborar dentro da sua área e especialidade, para a obtenção de um desempenho integral e não unidimensional no conjunto de alterações do TEA.

Cada criança autista possui um comportamento característico e distinto, com isso deve direcionar-se a uma criança autista como uma pessoa, e não como algo a ser concertado, permitindo assim construção de soluções que possibilitem a ela reinserir-se no outro de uma maneira original, sem ser contida na incapacidade ou em protocolos predeterminados. Compreender o tratamento de forma individual e especifica, mas incluir uma abordagem interprofissional parece ser mais eficaz ao tratar-se de um espectro. Nesse contexto, qual o tratamento considerado mais eficaz para o autismo?

O propósito é pensar na elaboração de uma resposta mais completa que vai além das dificuldades e limitações apresentadas pelos autistas, os quais nunca foi um bom critério para o diagnóstico, já que leva quase que inevitavelmente à prescrição medicamentosa e às terapias comportamentais. Justificando que a medicação é apenas uma parceira da formação específica de cada autista, não sendo indicada e

nem prescritas para todos, mas de forma singular, avaliando cada condição de maneira individual.

É muito importante destacar que as ligações entre os inúmeros campos de tratamento, oferece melhoria para as condições de vida de cada sujeito, assegurando à integralidade e equidade de cuidados, estabelecendo, dessa forma, um projeto terapêutico distinto, que não deve ser resumido apenas a condição diagnóstica, mas deve, sim, considerar os aspectos psíquicos no que se refere aos pensamentos do sujeito autista, às suas formas de conviver com as pessoas e com o seu ambiente.

O medicamento é não mais que um dos pontos do projeto terapêutico, que será individualizado e que precisa assistir às necessidades, às demandas e aos interesses de cada paciente e seus familiares. Sendo assim, O objetivo geral é identificar o tratamento mais eficaz para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), considerando a importância da integração entre intervenções psicológicas, farmacológicas e multiprofissionais. E os específicos, busca-se analisar os benefícios da abordagem multidisciplinar, avaliar a eficácia das terapias disponíveis e compreender o papel da Psicologia, farmacologia e enfermagem no diagnóstico precoce e na promoção da qualidade de vida dos autistas.

MÉTODOS

Para responder à pergunta que direciona esse projeto, foi efetuada uma busca sobre a eficácia do tratamento para o TEA associando diagnóstico precoce, uso dos fármacos e psicoterapias em sites como Scielo, BVS, Lilacs, PubMed, Medline, empregando descritores como “TEA”, “Autismo” , “tratamento”, “psicoterapia”, “farmacoterapia”, “diagnóstico precoce”, “enfermagem”, “eficácia”, fazendo uso dos operadores booleanos OR e AND, com um corte temporal de 10 anos, em idiomas português e inglês. Segue abaixo os critérios de inclusão e exclusão dos artigos:

Inclusão: artigos encontrados de 2014 a 2024; idiomas português e inglês; estudos com diversas metodologias (estudos de casos, revisões, estudos de campo, etc.), e que abordasse o tratamento para o TEA.

Exclusão: artigos duplicados; artigos fora do período delimitado; dissertações e teses. Foram encontradas 20 referências, foram excluídas 10, restando 10 referências, selecionando apenas 08 para o estudo.

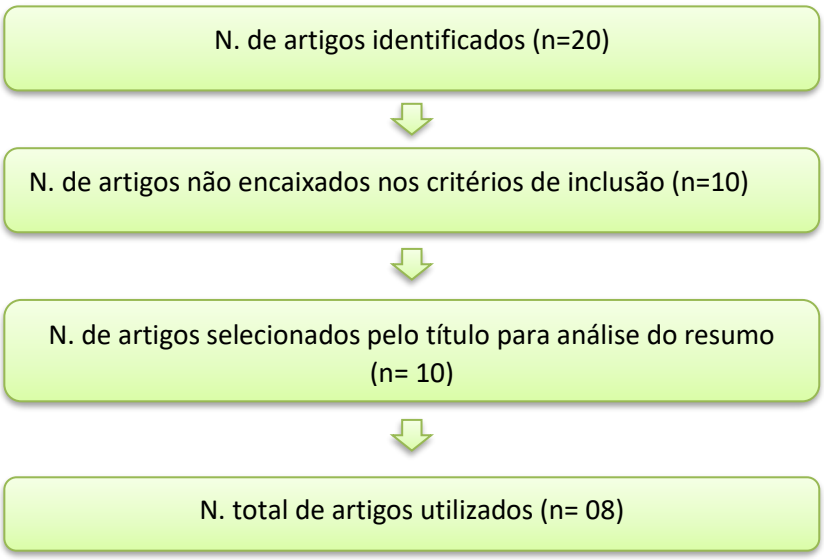
A revisão de literatura trata-se de uma análise explanada de relevantes publicações em relação a determinado assunto, a começar do processo ativo de busca, análise e descrição, sejam em artigos científicos, livros, trabalhos completos publicados em eventos acadêmicos, artigos de jornais, registro histórico, monografias, teses, dissertações, relatórios governamentais entres outros. Com início do modo de elaboração, as revisões literárias podem se classificar em narrativa, sistemática ou integrativa esta última sendo a forma que direcionará o presente artigo (MATTOS, 2015).

Tabela 6: Base de dados, descritores e estratégias de buscas utilizadas na pesquisa de terapias psicológicas e fármacos que demonstram maior eficácia no tratamento do TEA

Base de dados	***Descritores***	***Estratégia de busca***	***Números***	**Ano**
PubMed	TEA, Psychotherapy pharmaceuticals, treatment	Todos os índices	4	2016; 2018; 2021; 2022
LILACS	TEA Psychotherapy pharmaceuticals, treatment	Todos os índices	4	2017; 2019, 2020
SciELO	TEA, Psychotherapy pharmaceuticals, treatment	Todos os índices	7	2014; 2018; 2020; 2021; 2022
MEDLINE	TEA, Psicoterapia, fármacos, tratamento	Todos os índices	5	2016; 2017; 2020
Total			20	

Fonte: elaborada pelos autores, 2024.

Figura 1: Fluxograma de elegibilidade dos artigos para revisão integrativa.



Fonte: elaborada pelos autores, 2024.

RESULTADOS:

Após a pesquisa nos bancos de dados específicos, o número total de artigos encontrados foram 20, dos quais 8 foram selecionados com títulos que se enquadram no objetivo da pesquisa, para integrar a presente revisão.

A partir dos dados expostos acima, constatou-se que dos oito artigos selecionados para a pesquisa, todos são referentes aos últimos 10 anos, sendo publicados em 2016 (10%; n= 1); 2017(10%; n= 1); 2019 (20%; n= 2); 2021 (10%; n=1), 2022 (10%; n= 1), 2023 (20%; n= 2) e encontrados no idioma português.

Segue abaixo uma tabela com os resultados encontrados.

Tabela 8. Principais resultados da análise bibliométrica e de conteúdo sobre a eficácia de terapias psicológicas associadas a fármacos no tratamento do transtorno do espectro do autismo.

Autoria (ano/país)	**Tipo de estudo**	**Título**	**Objetivo**	**Metodologia**	**Resultados**
Meireles David, Taís (2023, Brasil)	Revisão Bibliográfica	Transtorno do Espectro Autista	O objetivo foi compreender o conceito, epidemiologia, diagnóstico e quadro clínico do TEA, bem como seu tratamento.	Pesquisas documentais e bibliográficas acerca do tema.	Os resultados sugerem que conhecimentos diversos acerca do transtorno e da necessidade de detecção e tratamento precoces, permite ao indivíduo autista levar uma vida com mais autonomia, e depende da intensidade do transtorno, e destaca dois tipos de terapias com maior evidência científica para o TEA.
Lopes, Ana Maria (2019, Brasil)	Revisão Narrativa	O Autismo e suas conexões: qual medicação para o autista?	Discutir a conexão entre psicanálise e psiquiatria, com base na questão: qual a medicação para o autista?	Empregou-se como metodologia a revisão narrativa	As evidências científicas demonstram que não há uma medicação específica para o autismo, mas para sintomas específicos que perturbem a funcionalidade da vida diária, tais como insônia, agressividade, agitação, entre outros.
Fetter, Rafael (2021, Brasil)	Revisão sistemática e Meta-análise	A atuação do psicólogo com pacientes com transtorno do espectro autista em municípios de pequeno porte da Serra Gaúcha.	Analisar a atuação do psicólogo no diagnóstico e atendimento a pacientes com TEA em cidades de pequeno porte na Serra Gaúcha..	Estudo qualitativo de natureza exploratória.	O estudo buscou fazer uma análise sobre a atuação dos profissionais de Psicologia com pacientes com TEA, destacando o papel da gestão e da rede em saúde mental, apontando desafios para o diagnóstico precoce e para o tratamento.
Cardoso et al (2019, Brasil)	Revisão sistemática e Meta-análise	Transtorno do Espectro do Autismo	O objetivo desta pesquisa foi avaliar o custo da implantação do Modelo Denver de Intervenção Precoce (ESDM) no contexto de serviços de saúde, comparando tal aplicação a outros serviços disponíveis na comunidade.	O estudo caracteriza-se como exploratório-descritivo de abordagem qualitativa	O tratamento padrão-ouro para o TEA é a intervenção precoce, após suspeita ou diagnóstico da equipe multidisciplinar, trazendo 06 modalidades de intervenções terapêuticas, dentre elas intervenções dietéticas, tratamento medicamentoso e alternativos.

Pinto et al (2016, Brasil)	Revisão sistemática qualitativa	Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares.	Analisar o contexto da revelação do diagnóstico do autismo e o impacto deste nas relações familiares.	Estudo exploratório-descritivo, desenvolvido em um Centro de Atenção Psicossocial Infanto juvenil (CAPSI), que é referência à assistência a crianças com transtorno autista, de um município do interior paraibano.	Identificou-se uma necessidade de maiores esclarecimentos em relação ao TEA e ao seu prognóstico, aos familiares deste estudo, além de uma abordagem mais específicas, havendo maiores esclarecimento a respeito do tratamento.
Nazari et al (2017, Brasil)	Revisão bibliográfica qualitativa	Transtorno do Espectro Autista: discutindo o seu conceito e métodos de abordagem para o trabalho	Apresentar e discutir alguns conceitos e métodos de abordagens para o tratamento de pessoas com TEA no contexto clínico e educacional	Abordagem qualitativa e pesquisa bibliográfica	Descreve 08 métodos de abordagem de tratamento, sendo um deles a farmacoterapia. De modo geral esse estudo avaliou que não existe um método apropriado e eficaz para todas as pessoas com TEA, pois cada caso deve ser analisado, e estudado de acordo com as peculiaridades de cada sujeito.
Souza et al (2023, Brasil)	Revisão Bibliográfica	Assistência De Enfermagem À Criança Autista: Uma Revisão Bibliográfica	Analisar a atuação do enfermeiro na identificação precoce do autismo em crianças, os cuidados de enfermagem prestados e a assistência dada às famílias que recebem o diagnóstico.	Trata-se de uma revisão bibliográfica na plataforma BVS, realizando uma seleção de artigos dos quais 28,57% foram publicados no ano de 2021.	Avaliou-se a importância do conhecimento sobre o autismo como um dos pontos fundamentais para o diagnóstico precoce e tratamento eficaz.
Costa e Abreu (2021, Brasil)	Revisão Bibliográfica de abordagem descritiva	Os benefícios do uso de Psicofármacos no tratamento de indivíduos com transtorno do espectro autista (Tea): revisão bibliográfica	Revisar a literatura do período entre 2011 a 2021 sobre os resultados da abordagem psicofarmacológica no tratamento do Transtorno do Espectro Autista	Revisão bibliográfica de abordagem descritiva, exploratória e qualitativa, fundamentada em artigos publicados no banco de dados Scielo, CAPEs e LILACs selecionados durante o mês 04/2020 e analisados e classificados no mês 05/2020.	O tratamento terapêutico do autismo se dá de forma limitada, pesquisas apontam que em cerca de 45-75% dos casos analisados, inclusive em crianças de 0 a 2 anos as intervenções medicamentosas são comumente introduzidas como terapia adjuvante no TEA, tais como antipsicóticos, seguidos pelos antidepressivos,

					anticonvulsivantes e estimulantes

Fonte: elaborada pelos autores, 2024.

DISCUSSÃO

Através da análise dos artigos selecionados foi possível notar que no estudo de Meireles (2023), as terapias com maior evidência de benefícios são a ABA (Análise Comportamental Aplicada) e o TEACCH (Tratamento em Educação para Autistas e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação). A ABA é a mais utilizada por ter se mostrado um método muito eficaz, através do conjunto de técnicas derivadas de uma ciência: a análise do comportamento. Essa técnica tem o objetivo de aumentar o potencial do desenvolvimento social e de comunicação da criança, proteger o funcionamento intelectual, melhorar a qualidade de vida e dirigir competências para a autonomia. O autor ainda afirma que em alguns casos, pode ser necessária terapia medicamentosa associada às técnicas ou terapias psicológicas para o controle dos sintomas que acompanham o quadro do TEA.

Para Lopes (2019), a abordagem dos princípios gerais do tratamento medicamentoso para o autismo torna-se uma ferramenta importante para os psicanalistas, considerando-se a rápida proliferação da informação biológica e psicofarmacológica, fato que torna a tarefa de integrar as abordagens biológica e psicanalítica um desafio a ser conduzido pelo analista, juntamente com a família e com a criança em tratamento, visto que é necessário desenvolver abordagens mais harmônicas, combinando a abordagem psicanalítica e os recursos medicamentosos, quando indicados. Destaca-se que o tratamento psicofarmacológico, isoladamente, não muda o processo singular dos vários sujeitos autistas; não há uma medicação específica para o autismo, mas o tratamento psicotrópico pode exercer profundos benefícios sobre a cognição, o humor e os comportamentos agressivos, entre outros.

Fetter (2021), em estudo mostra a certeza de que o TEA e a atuação do psicólogo com o transtorno em contextos específicos ainda são campos férteis como deveriam, mas necessitando de uma maior exploração. O TEA é um transtorno extremamente complexo e variado, trazendo desafios para todos os profissionais que se envolvem em seu diagnóstico e tratamento. Os pacientes são sujeitos cheios de nuances e de potencialidades. Estudos como esse buscam auxiliar o profissional, para que possam se sentir mais seguros e preparados para o manejo desses pacientes,

ajudando, assim, no desenvolvimento de sujeitos que possam explorar seus potenciais e terem uma melhor qualidade de vida.

Cardoso et al (2019), em seus estudos mostram que mesmo o TEA não tendo ainda uma cura, as descobertas da Neurociência e as terapias de intervenção precoce podem apresentar resultados de ganhos significativos no desenvolvimento neuropsicomotor das crianças. Quanto mais precoce a detecção das alterações no DNPM (desenvolvimento neuropsicomotor), maior a capacidade de organização neural através da neuroplasticidade e potencial de mielinização cerebral, uma vez que nos primeiros anos de vida que a formação sináptica apresenta maior velocidade e resultados satisfatórios. Além disso, a estimulação precoce aproveita o período sensitivo determinado pelas janelas de oportunidades no cérebro da criança. Os autores ainda destacam que geralmente o paciente com autismo demanda tratamento psicofarmacológico para controle de sintomas associados ao quadro, quando estes interferem negativamente na sua qualidade de vida.

De acordo com Pinto et al (2019), o estabelecimento de um vínculo entre o paciente-família e os profissionais de saúde, entre eles o enfermeiro, é muito importante no momento da revelação do diagnóstico, visto que a qualidade das informações pode repercutir positivamente na forma como os familiares enfrentam o problema, compreendendo sobre as causas do autismo e, principalmente, sobre as consequências advindas dele, sendo esclarecidos a respeito das opções e métodos de tratamento , seja por meio de psicoterapia ou até mesmo associado a fármacos quando necessário, proporcionando assim o conhecimento sobre os recursos ofertados e indispensáveis para o bom desenvolvimento da criança.

De acordo com o estudo de Nazari et al (2017), foram encontrados alguns métodos utilizados para o “tratamento” de pessoas com autismo, dentre eles: O ABA E O THEACH. O tratamento ABA envolve o ensino intensivo e individualizado das habilidades necessárias para que o indivíduo possa adquirir independência e a melhor qualidade de vida possível, incluindo os comportamentos sociais, tais como contato visual e comunicação funcional; comportamentos acadêmicos tais como pré-requisitos para leitura, escrita e matemática; além de atividades da vida diária como higiene pessoal. A redução de comportamentos agressivos, de estereotipias, autolesões, agressões verbais, e fugas também fazem parte do tratamento comportamental. O mesmo autor afirma que a farmacoterapia continua sendo componente importante em um programa de tratamento, porém nem todos os

indivíduos necessitarão utilizar medicamento. Medicamentos que atuam na dopamina e na serotonina podem ajudar a reduzir alguns sintomas como redução de estereotipias, retraimento social e comportamento agressivo ou auto-agressivo.

Costa e Abreu (2021) em pesquisa apontam para as poucas informações disponíveis sobre eficácia e segurança dos psicofármacos em pediatria, que deixa o psiquiatra na incerteza de quando e como usá-los. Um amplo e atualizado conhecimento em psicopatologia e psicofarmacologia e o emprego consciencioso de psicofármacos associados a outras modalidades de tratamento, podem auxiliar crianças e adolescentes a alcançar uma qualidade de vida melhor. O estudo indicou que há diversas pesquisas sobre alguns fármacos utilizados no atendimento ao autista, no entanto, não há um consenso sobre a prescrição desses fármacos, sendo ainda uma área repleta de possibilidades para futuros estudos. Essa falta de consenso e de mais estudos sobre os efeitos dos fármacos no tratamento do autismo deixam os profissionais de saúde inseguros quanto à prescrição, mesmo reconhecendo os benefícios que os psicofármacos representam para os portadores de TEA.

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA E MODELOS TEÓRICOS DE INTERVENÇÃO PARA O TEA

Para Schmidt (2017, apud, Fetter 2021), embora exista um grande número de propostas de intervenção para o tratamento do TEA, algumas são as que têm potencial para ser conceituadas como Práticas Baseadas em Evidências (PBE). Essas são provenientes do campo da saúde e seguem protocolos de passos e procedimentos, tornando possível medir seus resultados de acordo com critérios estabelecidos pela National Professional Developmental Center on Autism Spectrum Disorder (NPDC), um dos maiores referenciais internacionais em intervenções para o TEA.

Volkmar e Wiesner (2019, apud, Fetter, 2021), afirmam que o método ABA emprega-se de muitos dos princípios da psicologia comportamental, trabalhando com os conceitos de estímulos e recompensas. O comportamento a ser instruído para a criança é dividido em etapas menores que são ensinadas separadas e repetidas vezes, utilizando recompensas que, com o tempo, vão sendo menos empregados, até serem, possivelmente, extintas quando os comportamentos desejados são atingidos.

Por ser um método de intervenção com características muito estruturadas e individualizadas, o ABA obtém uma taxa de sucesso muito alta em crianças responsivas a rotinas claras e planejadas, algo bastante característico do TEA.

Para Marini (2021, apud, Meireles David, 2023), as terapias mais qualificadas e com maior evidência de benefício na atualidade, são a ABA (Análise Comportamental Aplicada) e o TEACCH (Tratamento em Educação para Autistas e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação), devendo ser aplicada aquela que o terapeuta tenha maior afinidade. A ABA é um conjunto de técnicas decorrente de uma ciência: a análise do comportamento. Constitui em um conjunto de modalidades terapêuticas que tem por objetivo aumentar a capacidade do desenvolvimento social e de comunicação da criança, defender o funcionamento intelectual, melhorar a qualidade de vida e gerir competências para a autonomia.

Fernandes (2013, apud, Meireles David, 2023) afirma que o TEACCH é um método no qual utiliza uma avaliação denominada PEP-R (Perfil Psicoeducacional Revisado) para avaliar a criança e definir seus pontos fortes e de maior preferência, e suas dificuldades, e, a começar desses pontos, elaborar um programa educacional e clínico individualizado. Esse método é responsável por proporcionar maior inclusão escolar das crianças autistas. Tanto o método ABA quanto a TEACCH têm se mostrado eficientes em melhorar a qualidade de vida e prognóstico das crianças com TEA.

Para Cosonlin et al (2019, apud, Meireles David, 2023), o tratamento padrão-ouro para o TEA é a intervenção precoce realizada por equipe multidisciplinar, incluindo terapia ocupacional, fonoterapia, fisioterapia, psicoterapia, e outras, de acordo com cada caso. Golisng et al (2022, Meireles David, 2023), afirma que o TEA não tem cura, no entanto, as terapias de intervenção precoce levam a ganhos consideráveis no desenvolvimento neuropsicomotor da criança. Quanto mais prévio seu início, maior a capacidade de organização neural através da neuroplasticidade e potencial de mielinização cerebral.

ABORDAGEM PSICOFARMACOLÓGICA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Para Shafiq e Pringsheim (2018, apud, Cardoso et al, 2019), o paciente com autismo normalmente necessita de tratamento psicofarmacológico para controle de sintomas relacionados à sua condição clínica, quando estas são prejudiciais a sua qualidade de vida. Esse uso é delimitado a um pequeno grupo que apresenta comportamentos que podem causar: irritabilidade, impulsividade, agitação, auto e ou heteroagressividade e destrutividade.

De acordo com Koppel et al (2014, apud, Lopes, 2019), o uso off label de medicamentos no TEA, consiste na utilização de produtos farmacêuticos cuja indicação, forma de administração e posologia ainda necessitam de aprovação das autoridades regulatórias. Diante disto ressaltamos que no Brasil, somente a risperidona e a periciazina são aprovadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para a redução dos sintomas associados ao TEA (BRASIL, 2014, apud, LOPES, 2019).

Entre os psicofármacos mais usados no tratamento de sintomas relacionado ao TEA, estão a risperidona, a olanzapina, a quetiapina, a ziprasidona, a clozapina e o aripiprazol, que são antipsicóticos atípicos, bloqueadores serotonérgicos e dopaminérgicos. No entanto apenas a risperidona e o aripiprazol que tem indicação da Food and Drug Administration dos Estados Unidos para os sintomas relacionados ao TEA. Todos são eficazes como antipsicóticos de segunda geração, porém, podem causar efeitos colaterais importantes, como aumento de peso, síndrome metabólica, hiperprolactinemia, síndrome extrapiramidal, diminuição do limiar convulsígeno e, muito raramente, a síndrome neuroléptica maligna. É importante ressaltar que, na ausência de sintomas que justifiquem seu uso, a criança pode e deve ser tratada sem o emprego de psicofármacos, e estas drogas poderão excepcionalmente ser administradas por especialistas que tenham conhecimento na sua indicação específica (ANAGNOUSTOU et al., 2014, apud, LOPES, 2019).

No entanto de acordo com Barros et al (2019, apud, Costa e Abreu, 2021), diferentes classes de medicamentos têm sido usadas em intervenções farmacoterapêuticas como intuito de determinar satisfatório controle dos sintomas ocasionais que se desenvolvem no quadro do TEA. Anagnoustou et al (2014, apud,

Lopes, 2019), relata que entre esses medicamentos estão os antipsicóticos atípicos (risperidona, olanzapina, clozapina) para hiperatividade, irritabilidade, agressividade ou comportamento auto lesivo; inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRS) (citalopram, fluoxetina, sertralina) para comportamentos repetitivos e ansiedade; antagonista opioide (naltrexona) e psicoestimulante (metilfenidato), ambos para hiperatividade e para os distúrbios do sono, mediadores do sistema nervoso central (melatonina). Na tabela abaixo é possível verificar os principais fármacos e suas indicações no Autismo.

Tabela 7- Principais grupos terapêuticos, fármacos e suas respectivas indicações no TEA

Grupo terapêutico	**Fármaco**	**Indicação**
Antipsicóticos atipicos	Clozapina	Hiperatividade, irritabilidade e movimentos repetitivos.
	Risperidona	Ansiedade, irritabilidade, agressividade, comportamento repetitivos e agitação.
	Aripiprazol	Irritabilidade, estereotipias e hiperatividade**.**
Antidepressivo Inibidores Seletivos de Recaptação de Serotonina (ISRS)	Fluoxetina e Citalopram	Comportamentos ritualísticos, estereotipados e repetitivos.
	Fluvoxamina	Comportamentos compulsivos, repetitivos e agressividade.
	Sertralina	Comportamentos repetitivos e disruptivos.
	Paroxetina	Agressividade.
	Escitalopram	Estereotipias, hiperatividade, irritabilidade e fala inadequada.
Antidepressivos Tricíclicos (ADTs)	Nortriptilina e Clomipramina	Hiperatividade, comportamentos ritualísticos, agressividade.
	Imipramina	Hiperatividade e fala inadequada
Antidepressivo Inibidores Seletivos de Recaptação de Serotonina e Noradrenalina (ISRN)	Velafaxina	Deficits socias, hiperatividade, problemas de comunicação e comportamentos e interesses restritos.
Antiepiléticos/anticonvulsivantes	Valproato	Instabilidade afetiva, linguagem repetitiva e agressividade.
	Lamotrigina	Irritabilidade, agressividade e comportamento repetitivo.
	Levetiracetam	Impulsividade, hiperatividade, labilidade emocional e agressividade.
Antagonista do Receptor de Glutamato	Amantadina	Hiperativo e déficit na linguagem
	Memantina	Irritabilidade, memória, hiperatividade, linguagem e comportamento social inadequado.
Inibidores da colinesterase	Donepezila	Hiperatividade e irritabilidade
	Rivastigmina	Déficits nos comportamentos globais
	Galantamina	Hiperatividade, irritabilidade, desatenção, inadequação da fala e retraimento social.
Estimulante	Metilfenidato	Hiperatividade, impulsividade e déficit de atenção.

Antagonistas de Receptores - Adrenérgicos	Clonidina	Hiperatividade, agressividade, flutuação de humor e distúrbios do sono.
	Guanfacina	Inatenção, hiperatividade e insônia
Antagonista dos Opiódes	Naltrexona	Comportamento autolesivo, hiperatividade, irritabilidade e insociabilidade.
Mediadores do SNC	Malatonina	Distúrbios do sono

Fonte: elaborada pelos autores, 2024.

Diante do exposto, é imprescindível que se questione se há de fato, indicação do uso de psicofármacos no autismo, levando em consideração que, na ausência de sintomas que justifiquem seu uso, a criança pode e deve ser tratada sem o emprego destes. A indicação de psicofármacos deve ser feita por especialistas que tenham hábito no manejo clínico do medicamento (dose, indicação e avaliação do custo-benefício). Assim, quando se deve indicar a avaliação para uso de psicofármacos diante de sintomas que interferem na qualidade de vida, tais como comportamentos disruptivos, irritabilidade, impulsividade, agitação, auto e heteroagressividade, destrutividade, prejuízos funcionais, prejuízos nas atividades de vida diária (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019, apud, LOPES, 2019).

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NO DIAGNÓSTICO PRECOCE DO TEA

Para Corrêa et al (2021, apud, Souza et al, 2023), o enfermeiro é um dos profissionais que têm o primeiro contato com a criança nos serviços de saúde, assim, no momento da consulta com profissional de enfermagem, onde são realizados o exame físico e a anamnese, se tem a oportunidade de coletar o histórico e os aspectos comportamentais da criança. Observando nessa avaliação desde comportamentos incomuns até sinais precisos de TEA, por meio de componentes do método científico, bem como realizar intervenções – psicoeducacionais, de reabilitação à sociedade – para promoção de saúde e efetivação dos direitos da criança.

De acordo com Soeltl et al (2021, apud, Souza et al, 2023), O enfermeiro precisa ter conhecimento para perceber as características do TEA nos acompanhamentos periódicos, possibilitando uma identificação precoce, para iniciar as intervenções imediatas com o objetivo de reduzir perdas ao aprendizado e interação social. O diagnóstico tardio, pode levar a criança a apresentar dificuldades na escola e isolamento social. O enfermeiro precisa conversar e instruir os pais ou cuidadores sobre o autismo e como prosseguir em relação ao filho autista. É essencial que a criança e os seus pais sejam encaminhados a uma equipe multidisciplinar para

que sejam acolhidas através de cuidados e orientações necessárias, para uma melhor qualidade de vida.

Dunlap et al (2021, apud, Souza et al, 2023), afirma que o profissional de enfermagem tem uma responsabilidade muito importante no cuidado à criança com TEA, pois, no momento da consulta, ele tem um primeiro contato com esse cliente, podendo, por meio da triagem identificar precocemente os sinais e sintomas do transtorno, que se apresenta nas maioria do casos como irritabilidade, dificuldade em relacionar-se e fazer contato visual, falta de interesse pela conversa, ações estereotipadas, entre outros também afirmado por Rodrigues et al (2017, apud, Souza et al, 2023).

Para Soeltl (2021, apud, Souza et al, 2023), é fundamental que a assistência realizada pela equipe de enfermagem seja receptiva, completa e com ética, passando segurança não apenas a criança com TEA, mas também para sua família. É muito importante que o enfermeiro saiba se conectar com as crianças de forma geral, pois ele precisa acompanhar o padrão de cada uma, demonstrando segurança e conduzindo-se de maneira adequada em relação aos comportamentos do autista mantendo assim uma relação afetuosa com eles.

De acordo com Richards et al (2015, apud, Meireles David, 2023), um outro ponto de vista a ser avaliado são as condições coexistentes associadas ao autismo. Considera-se que 70% dos autistas podem apresentar alguma comorbidade, sendo as mais comuns: ansiedade, depressão, déficit intelectual, transtorno de conduta, TDAH, epilepsia, distúrbios do sono e transtornos alimentares. Para Page et al (2022, apud, Meireles David, 2023), o grande obstáculo na verificação dessas condições é que, muitos dos sintomas se sobrepõem entre eles e com os sintomas do próprio autismo, causando dificuldade no seu diagnóstico. O reconhecimento e abordagem dessas comorbidades são de extrema importância, pois são capazes de melhorar imensamente a qualidade de vida do paciente autista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O transtorno do espectro autista é um distúrbio do neurodesenvolvimento prevalente na infância e pode acarretar sérias repercussões não somente na vida do paciente, mas também de sua família e da comunidade em sua volta. Apesar de ter amplo espectro de manifestações clínicas e de ser difícil o seu reconhecimento nos

quadros mais leves do espectro, é fundamental que os profissionais de saúde saibam reconhecer seus sintomas e estejam atentos aos seus sinais precoces, já que quanto antes forem iniciadas as terapias necessárias, melhor será a resposta ao tratamento e o prognóstico do paciente.

O presente trabalho mostrou a importância do profissional da Psicologia, das abordagens psicofarmacológicas adequadas e da atuação da Enfermagem diante do Transtorno do Espectro Autista. O acompanhamento desses profissionais (interprofissionalidade) e suas intervenções assertivas, fazem o diferencial no tratamento, mostrando a importância do tratamento de forma singularizada, da introdução da família nos cuidados e na orientação desses familiares, para que tenha uma melhor compreensão da condição do membro familiar que precisa de tratamento e da adesão para efetivação deste, auxiliando assim as pessoas com TEA nas adaptações necessárias das suas rotinas e a promoção de uma melhor qualidade de vida.

Buscar ajuda profissional é extremamente importante para melhorar a convivência, a relação do autista com o mundo em que vive. Essa ajuda vai além do apoio psicológico e do uso dos fármacos, ela engloba um suporte maior, por meio de uma equipe multiprofissional que oriente as famílias para detecção precoce do autismo, possibilitando transformações positivas no resultado terapêutico.

Em suma, este estudo procurou conduzir uma breve discussão acerca do tema proposto, havendo ainda necessidade de aperfeiçoamentos e maiores sistematizações do tratamento eficaz para o transtorno do espectro autista (TEA)

REFERÊNCIAS

ANAGNOSTOU, E.; ZWAIGENBAUM, L.; SZATMARI, P.; FOMBONNE, E.; FERNANDEZ, B. A.; WOODBURY-SMITH, M. et al.**Autism spectrum disorder: advances in evidence-based practice.** *CMAJ* (Canadian Medical Association Journal), v. 186, n. 7, p. 509-519, 2014.

BARROS, Neto Sebastião Gonçalves de; BRUNONI, Decio; CYSNEIROS, Roberta Monterazzo. Abordagem psicofarmacológica no transtorno do espectro autista: uma revisão narrativa. ***Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento***, v. 19, n. 2, p. 38-60, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa**

com transtornos do espectro do autismo (TEA). Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CARDOSO, A. A.; VELOSO, C. F.; CARDOSO-MATEUS, C.; FERNANDES, F. D. M.; MAGALHÃES, M. L. S.; NOGUEIRA, M. M. F. **Transtorno do Espectro do Autismo**. *Manual de Orientação Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento*, nº 5, 2019.

CONSOLINI, Marília; LOPES, Ederaldo José; LOPES, Renata Ferrarez Fernandes. Terapia Cognitivo-comportamental no Espectro Autista de Alto Funcionamento: revisão integrativa. ***Revista Brasileira de Terapia Cognitiva***, v. 15, n. 1, p. 38-50, 2019.

CORRÊA, et al. Indicadores para Triagem do Transtorno do Espectro Autista e sua Aplicabilidade na Consulta de Puericultura: Conhecimento das Enfermeiras. ***Revista de APS***, v. 24, 2021.

COSTA, G. O. N.; ABREU, C. R. C. Os Benefícios Do Uso De Psicofármacos No Tratamento De Indivíduos Com Transtorno Do Espectro Autista (TEA): Revisão Bibliográfica**. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos***, v. IV, n. 8, p. [páginas], jan.-jun. 2021.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda; AMATO, De Lahiguera, Cibelle Albuquerque. **Análise de Comportamento Aplicada e Distúrbios do Espectro do Autismo: revisão de literatura**. *CoDAS*, v. 25, n. 3, p. 289-296, 2013.

FETTER, Rafael. **A atuação do psicólogo com pacientes com Transtorno do Espectro Autista em cidades de pequeno porte da Serra Gaúcha**. 2021.

GOSLING, C. J.; CARTIGNY, A.; MELLIER, B. C. et al.Efficacy of psychosocial interventions for Autism spectrum disorder: an umbrella review. ***Molecular Psychiatry*****,** 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1038/s41380-022-01670-z.

KOPPEL, B. S.; BRUST, J. C.; FIFE, T.; YOUSSOF, S.; GRONSETH, G.; GLOSS, D. Systematic review: efficacy and safety of medical marijuana in selected neurologic disorders. **Report of the Guideline Development Subcommittee of the American Academy of Neurology**. *Neurology*, v. 82, n. 17, p. 1556-1563, 2014.

LOPES, Ana Maria Costa da Silva. O Autismo e Suas Conexões: Qual Medicação Para o Autista? ***Psicologia em Revista*****, Belo Horizonte**, v. 25, n. 3, p. 1343-1352, dez. 2019.

MARINI, Gabriella Heloisa. Práticas inclusivas no método TEACCH para crianças com transtorno do espectro do autismo na educação infantil. 39 f. **Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos**, 2021.

MATTOS, P. C. **Tipos de Revisão de Literatura**. 2015.

MEIRELES DAVID, Taís. **Transtorno do Espectro Autista**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Pediatria, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

NASCIMENTO, Y. C. M. L.; CASTRO, C. S. C.; LIMA, J. L. R.; ALBUQUERQUE, M. C. S.; BEZERRA, D. G. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família. ***Revista Baiana de Enfermagem*****,** v. 32, e25425, 2018.

NAZARI, A. C. G.; NAZARI, J.; GOMES, M. A. **Transtorno do espectro autista: discutindo o seu conceito e métodos de abordagem para o trabalho**. 2017.

PAGE, S. D.; SOUDERS, M. C.; KRAL, T. V. E. et al.
Correlates of Feeding Difficulties Among Children with Autism Spectrum Disorder: **A Systematic Review. *Journal of Autism and Developmental Disorders***, v. 52, p. 255-274, 2022. Disponível em:https://doi.org/10.1007/s10803-021-04947-4.

PINTO, R. N. M.; TORQUATO, I. M. B.; COLLET, N.; REICHERT, A. P. S.; SOUZA NETO, V. L.; SARAIVA, A. M. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. ***Revista Gaúcha de Enfermagem***, 2016.

RICHARDS, C.; JONES, C.; GROVES, L.; MOSS, J.; OLIVER, C.
Prevalence of autism spectrum disorder phenomenology in genetic disorders: a systematic review and meta-analysis. ***The Lancet Psychiatry***, Elsevier, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1016/S2215-0366(15)00376-4.

RODRIGUES, P. M. S.; ALBUQUERQUE, M. C. S.; BRÊDA, M. Z.; BITTENCOURT, I. G. S.; MELO, G. B.; LEITE, A. A. Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories. ***Esc Anna Nery Revista de Enfermagem*****,** v. 21, n. 1, e20170022, 2017.

SCHMIDT, C. **Transtorno do espectro autista: onde estamos e para onde vamos**. *Psicologia em Estudo*, v. 22, n. 2, p. 221-230, 2017.

SHAFIQ, S.; PRINGSHEIM, T. Using antipsychotics for behavioral problems in children. ***Expert Opinion on Pharmacotherapy***, v. 19, n. 13, p. 1475-1488, 2018.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA**.** Transtorno do espectro do autismo. **Manual de orientação: Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento**, abril de 2019.

SOELTL, et al. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. ***ABCS Health Sciences***, v. 46, e021206, 2021.

SOUZA, A. S. L. de; AMORIM, J. A.; DIAS, T. A. P.; DE SOUZA, F. D. S. L. **Assistência de enfermagem à criança autista: uma revisão bibliográfica**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 43, n. 2, p. 67-75, jun.-ago. 2023.

VOLKMAR, F. R.; WIESNER, L. A. *Autismo: guia essencial* ***para compreensão e tratamento*** (S. M. M. da Rosa, Trad.). São Paulo: Editora Artmed, 2019.